

<http://dx.doi.org/10.21707/ga.v10.n04a10>

O ENSINO DE GEOGRAFIA SOB UM ENFOQUE MOTIVADOR

MÁRCIO BALBINO CAVALCANTE¹; HERIVELTON ANDRADE DE SOUSA²; EDNA MARIA FURTADO³;
GINALDO RIBEIRO DA SILVA² & JOSÉ JADSON DOS SANTOS SILVA³

¹ Universidade Estadual da Paraíba

² Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Recebido em 18 de agosto de 2015. Aceito em 14 de junho de 2016. Publicado em 30 de setembro de 2016.

RESUMO – Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do ensino de Geografia e o uso de recursos didáticos com enfoque motivador na construção do saber geográfico dos alunos. Sabe-se que o ensino de Geografia está presente desde o século XVIII como disciplina no Brasil. A partir do século XX, com as transformações ocorridas na sociedade, a Geografia tornou-se imprescindível para a formação de um cidadão crítico, tendo o educador um papel essencial para uma formação sólida e contínua. Atualmente, o ensino da geografia tem como tarefa levar o aluno, primeiramente, à compreensão da relação do homem e o lugar onde ele vive. Dessa maneira, conclui-se que a motivação nas aulas tem um caráter estratégico que busca além de transmitir conhecimento ao cidadão, ajuda-o a compreender a estruturação e a organização do espaço geográfico em que ele vive e (re)constrói.

PALAVRAS-CHAVE: ENSINO, GEOGRAFIA, MOTIVAÇÃO.

THE TEACHING OF GEOGRAPHY USING A MOTIVATING APPROACH

ABSTRACT – The aim of this article is to reflect on the importance of the teaching of Geography and on the use of didactic resources with a motivating approach in the building up of geographical knowledge among students. It is documented that the teaching of Geography as a discipline in Brazil has been present since the 18th Century. From the 20th Century onwards, as societal changes took place, Geography became a vital aspect of the education of the critical citizen, while the educator had an essential role in providing a solid and consistent education. Currently, the teaching of Geography has a duty, primarily, to deliver to the student an understanding of the relationship between the human and the place in which he or she lives. As such, one can conclude that the motivation in classes has a strategic character that seeks to, aside from transmitting knowledge to the citizen, help them understand the structuring and organization of the geographic space in which he or she lives and (re) constructs.

KEY WORDS: TEACHING, GEOGRAPHY, MOTIVATION.

LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA VISTA POR UM ENFOQUE MOTIVADOR

RESUMEN – Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la enseñanza de la Geografía y el uso de recursos didácticos con enfoque motivador en la construcción del saber geográfico de los alumnos. Es sabido que la enseñanza de la Geografía está presente desde el siglo XVIII como disciplina en Brasil. A partir del siglo XX, con las transformaciones ocurridas en la sociedad, la Geografía se volvió imprescindible para la formación de un ciudadano crítico, teniendo el educador un papel esencial para una formación sólida y continua. En la actualidad, la enseñanza de la geografía tiene como función llevar al alumno, primeramente, la comprensión de la relación del hombre y del lugar donde vive. Así, se concluye que la motivación en las clases tiene un carácter estratégico que busca además de transmitir conocimiento al ciudadano, ayudarlo a comprender la estructuración y la organización del espacio geográfico en el cual él vive y (re)construye.

PALABRAS CLAVE: ENSEÑANZA, GEOGRAFÍA, MOTIVACIÓN.

INTRODUÇÃO

A desmotivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem das disciplinas que compõem a Educação Básica vem se constituindo em um dos principais desafios dos professores e das instituições escolares na atualidade. Na visão de Bzuneck (2009) a motivação tem importância fundamental na aprendizagem, pois os alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco, o que dificulta a formação de pessoas capacitadas para exercerem a cidadania.

Para os alunos, que vivem em um mundo dinâmico e em constantes transformações, a escola é vista, na maioria das vezes, como um local desinteressante, entediante e não prazeroso, como coloca Lara (2003, p. 30), “a escola liga-se, pois, a disciplina, silêncio, estudo. Estudo em latim significa esforço. E aqui já começa o perigo dos alunos não se sentirem tão eufóricos”. O que acaba dificultando o processo de aprendizagem na perspectiva da construção do conhecimento. Isso mostra que as escolas precisam ser transformadas em lugares de acolhimento, perdendo a condição de única detentora do conhecimento, e reconhecendo que os educandos possuem experiências de vida a partir das quais constroem novos conhecimentos, habilidades e competências sistematizadas na escola.

Na maioria das vezes a Geografia ensinada nas escolas geralmente não acompanha as novas descobertas, passando um conhecimento sem significado para o aluno, pois “mantém, ainda, uma prática tradicional, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio. Para a maioria dos alunos, a aprendizagem da Geografia na escola se reduz somente à memorização, sem fazer referência às experiências socioespaciais” (BOMFIM, 2006, p. 107).

Segundo Callai (2001, p. 13) “as formas tradicionais de ensino estão se esgotando em si mesmas. Os alunos em geral estão muito distanciados daquilo que a escola faz. O prazer de poder aprender e de aprender de fato foi a muito sendo substituídos pela obrigação, pelo dever de ir à escola”. Desinteresse que também contribui para a evasão escolar, para a reprovação e a falta de compromisso com a atividade pelo corpo docente.

Diante dessa realidade, o professor de Geografia deve contribuir para a superação das dificuldades no ensino de uma ciência em constante movimento, fazendo com que o aluno adquira um entendimento crítico do espaço, das sociedades e do ambiente; reconhecendo e compreendendo o papel da dinâmica da natureza, através de conceitos e categorias geográficas, assim possibilitando uma aproximação dos educandos à realidade vivida, sua compreensão e diferentes formas de intervenção no espaço em que atuam (CAVALCANTE, 2014).

No atual conjuntura da educação brasileira, não existem mais espaços para o desenvolvimento de aulas expositivas centradas apenas no quadro e no livro didático. Os professores devem lançar mão de outros recursos pedagógicos para tornar o ensino mais motivador, atraente e prazeroso, por meios de situações contextualizadas e relacionadas ao cotidiano dos alunos, valorizando o conhecimento prévio como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos. Contribuindo para a ampliação desse entendimento, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 339) afirmam que, “a variação de usos em sala de aula depende da relação existente entre vários fatores: formação geográfica e pedagógica do professor, o tipo de escola, o público que a frequenta e as classes sociais a que atende”.

Com o objetivo de demonstrar a importância do uso de recursos didáticos diferenciados para o ensino de Geografia, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), afirma que,

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. [...] com a literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço. É possível aprender geografia com a Literatura [...] também as produções musicais, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir

conhecimentos sobre o espaço geográfico. [...] A geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos (BRASIL, 1998, p. 33).

De acordo com os objetivos propostos acima para o ensino de Geografia, com relação à linguagem, o educador deve utilizar as diferentes linguagens verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.7).

Assim, a utilização de recursos didáticos pedagógicos alternativos com enfoque motivador, constitui-se numa poderosa ferramenta, que permite trabalhar os conteúdos geográficos de modo crítico, criativo e lúdico. Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do ensino de Geografia e o uso de recursos didáticos com enfoque motivador na construção do saber geográfico dos alunos.

CONTEXTUALIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia como ciência/disciplina é fruto de todo o saber gerado no decorrer do tempo, recebendo contribuições e testemunhando mudanças de paradigmas e de novos valores ao longo da história da sociedade humana (CAVALCANTE, 2016). Diante dessa realidade, a Geografia passou tanto por mudanças epistemológicas, quanto aos seus conteúdos e suas práticas na escola, gerando desse modo, diferentes abordagens que inspiraram práticas pedagógicas distintas.

No Brasil, o ensino de Geografia está presente desde o século XIX, através da sua inclusão como disciplina em 1837, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, quando o professor Delgado Carvalho lhe garantiu um espaço no campo escolar (QUEIROZ; MOITA, 2007).

Na década de 1940, sob influência da escola francesa, liderada por Vidal de La Blache (1845-1918), surgem os primeiros cursos superiores de Geografia na Universidade de São Paulo (USP).

Essa tendência lablachiana da Geografia e seu consecutivo desenvolvimento denominou-se Geografia Tradicional, que no ensino se caracterizava por explicações subjetivas da realidade e por estudos regionais que descreviam as paisagens naturais humanizadas de forma dissociada das relações histórico-culturais que produzem o espaço.

Uma geografia com um currículo marcado pelo positivismo, com fortes tendências de estudos regionais, e influenciada pela escola francesa de Vidal de La Blache, uma ciência que não era dos homens e dos lugares, mas com métodos e teorias de uma geografia tradicional, insuficientes para se aprender a complexidade do espaço (QUEIROZ; MOITA, 2007, p.14).

A partir dos anos 1960, suscitadas por teorias marxistas, surgem críticas à Geografia Tradicional, através do movimento de renovação da ciência geográfica, mudando-se o centro das preocupações para a relação entre sociedade, o trabalho e a natureza, na construção do espaço geográfico.

Em 1978, o professor Milton Santos (1926-2001), publica o livro “Por uma Geografia Nova”, em que analisa a história do pensamento geográfico e reflete sobre a Geografia Crítica. Milton Santos formou uma nova corrente de pensamento na Geografia mais adequada aos nossos dias. Segundo este geógrafo, a Geografia deve ocupar-se principalmente em estudar e interpretar a organização do espaço geográfico e suas constantes modificações (SANTOS, 2009).

Dessa forma, a Geografia Crítica renova-se a partir do momento em que se concentra na análise da realidade, considerando as contradições existentes nela, ou não. Assim, o espaço geográfico passa a ser o objeto de estudo da Geografia, espaço criado e (re)transformado pela a sociedade humana de acordo com a necessidade do sistema capitalista.

A partir do século XX, com as transformações ocorridas na sociedade globalizada, através da revolução tecnocientífica, bem como suas consequências aos ambientes naturais, são necessárias reflexões periódicas sobre o papel da Geografia na escola e na formação de nossos alunos. Dessa maneira, a Geografia tornou-se imprescindível para a formação de um cidadão crítico, tendo o educador um papel essencial para sua formação sólida e contínua. Para Oliveira Neto (2008, p.03),

Uma característica importantíssima do mundo atual é a expansão e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, o mundo hoje detém de grandes avanços tecnológicos o que implica numa simultaneidade, isto é, é possível que se ‘presencie’ ou se torne conhecimento de todos os acontecimentos, simplesmente pelo fato da comunicação ocorrer em tempo real, permitindo que as pessoas vivenciem o mundo de maneira mais ágil, rápido.

Atualmente, o ensino de Geografia deve ser encarado como uma busca, na prática, das respostas para as questões relacionadas ao tempo, ao espaço e ao lugar, sem esquecer-se dos aspectos culturais de cada povo, segundo Santos (2009, p. 37) “uma nova Geografia defronta-se, então, com a realização de uma perspectiva cultural, em que as escalas de sua efetivação encontram-se bastante distanciadas de sua possibilidade de ocorrência”.

Sendo assim, a Geografia escolar, cuja tarefa primeira é promover nos alunos a compreensão do mundo em que vivem, deve ser capaz de abordar e discutir as complexidades do mundo contemporâneo e as interações sociedade e natureza. Disciplina escolar estruturadora do pensamento sobre o espaço, a Geografia contribui para a formação da cidadania na medida em que estimula o questionamento sobre a apropriação e a transformação da natureza, a organização dos territórios, a transformações dos lugares e as relações entre o local, o regional, o nacional e o global.

Segundo Callai (2001, p.18) “a forma como foi abordada a Geografia nos últimos anos, permite constatar uma aproximação entre a Geografia escolar e a Educação Geográfica num contexto da realidade cotidiana, inserindo o aluno no seu local de vivência”.

O caráter metodológico do ensino de Geografia revela que a geografia escolar tem um papel essencial na formação dos alunos, seja aquele que está no processo de formação inicial para a docência em Geografia ou o educando da educação básica, os instrumentos e o caminho que irá desenvolver o conhecimento geográfico são aqueles que auxiliem na leitura geográfica para compreensão das análises espaciais.

No Brasil, a legislação que trata da educação, através dos PCNs de Geografia, considera que,

Adquirir conhecimentos básicos de Geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções da cidadania: cada cidadão, ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como de outros lugares, pode comparar, explicar, compreender e espacializar as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção do seu espaço geográfico (BRASIL, 1998, p. 132).

Com a implantação dos PCNs para o ensino de Geografia, em 1998, foram redefinidas as bases do ensino dessa disciplina para a Educação Básica, com disposições para uma formação cidadã e crítica, atuante, capaz de posicionar-se mediante os acontecimentos no contexto em que os alunos estejam inseridos, tentando motivá-los cada vez mais a assimilar os conteúdos de Geografia.

Ainda de acordo com esse documento, é fundamental “conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender a paisagem, o território e o lugar, seus procedimentos de construção, identificando suas relações, problemas e contradições” (BRASIL, 1998, p. 25).

No entanto, atualmente, apesar da importância que a pesquisa exerce como meio de motivação na educação, a metodologia de ensino da Geografia nas escolas ainda se atém a procedimentos tradicionais de sua origem no século XIX, ou seja, calcada apenas na pura e simples descrição dos fenômenos físicos e humanos, dissociada da realidade, fazendo com que o aluno não estivesse inserido no contexto geográfico de mundo e não se reconhecesse como elemento participante do processo de evolução geográfica da sociedade (CAVALCANTI, 2014).

Desta forma, faz-se necessário uma renovação do panorama didático da Geografia, buscando um ensino motivador para as práticas pedagógicas de sala de aula com o intuito de compreender e transformar a sociedade, através de uma metodologia que estimule a atitude cotidiana para esclarecer os dilemas que dizem respeito ao aprendizado dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula (ARAÚJO; BATISTA, 2007).

Para tanto, os educadores devem propor um ensino de Geografia cuja dimensão seja socioambiental, ou seja, onde haja uma interdependência das relações entre sociedade, elementos naturais, aspectos econômicos, sociais e culturais como conteúdo estruturante, dentro de uma reflexão acerca das suas mudanças ambientais globais e locais.

De acordo com Callai (2005, p. 236) “compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece”. Afirma ainda a autora que não há lugar neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado isoladamente. Portanto, o espaço em que se vive é resultante da história da vida dos indivíduos.

Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), a Geografia, enquanto disciplina, possibilita aos alunos uma visão mais crítica de mundo, uma percepção mais aberta da realidade que os cerca. Isso gera uma capacidade, indiscutivelmente maior, de transformação social. Assim, compreender a geografia enquanto ciência, e fazê-la na prática, é munir-se de armas muito poderosas no processo de transformação social.

Diante dessa assertiva, o ensino da geografia deve contribuir para o entendimento das

mudanças locais e globais através das novas linguagens, levando em conta a realidade social, política e econômica de cada lugar especificamente, de acordo com uma determinada história vivida e revivida, trazendo dentro de uma esfera globalizante.

A ‘velha’ linguagem passou a ser ocupada por uma nova linguagem, onde palavras de ordem como interdisciplinaridade, projetos, linguagem contextualizada e reflexiva passaram a ordem do dia, porém, com processos metodológicos da educação tradicional que continuavam a priorizar metodologia de conteúdos fragmentados em sala de aula (NUNES; RIVAS, 2009, p. 4).

Desta forma, o profissional terá que perceber as relações sociais, econômicas, políticas e culturais em que o processo educacional ocorre e deverá atuar como agente de transformação da realidade em que se insere, “assumindo seu papel de educador através de uma prática de ensino que favoreça a inclusão e participação efetiva do educando na construção de uma sociedade mais justa” (CASTROGIONANNI; CALLAI; KAERCHER, 2014, p. 07).

O novo enfoque para o ensino da Geografia está relacionado ao novo panorama espacial que está relacionado diretamente ao indivíduo como cidadão participante da sociedade em que vive e do desenvolvimento das culturas ao longo do tempo. “É através das diversas propostas com o intuito de aproximar o conteúdo a ser transmitido com a realidade do aluno que o ensino de Geografia busca sempre a integração dos diversos conhecimentos existentes” (VESENTINI, 2004, p. 27).

Diante do exposto, busca-se um ensino de Geografia de caráter inovador, com características motivadoras através do uso de diversos recursos visuais e textuais, filmes, documentários, inclusive recursos disponibilizados pela Internet, além de observações do campo externo, integrando de forma ampla e complementar o conhecimento científico e a realidade, “tomando o lugar como ponto de partida para o desenvolvimento das temáticas, são elementos imprescindíveis para tornar a análise dos temas e conceitos mais reflexiva, dinâmica e motivadora” (BRANCO, 2011, p. 09). Portanto, é dessa forma que a Geografia precisa ser enfocada nas salas de aula, como um instrumento de ação reflexiva, real, tendo como principal agente transformador: o aluno como cidadão.

MOTIVAÇÃO NO ENSINO DA GEOGRAFIA: DESAFIOS DO PRESENTE

A motivação no âmbito do ensino é um fenômeno bastante complexo, o qual envolve perspectivas emocionais, sociais, educacionais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como do modo de transferência destes para novas situações. O processo de organização das informações e de integração do material à estrutura social e educacional é o que os educadores denominam aprendizagem, é necessário refletir que cada indivíduo apresenta um conjunto de estratégias perceptivas que mobilizam o processo de aprendizagem (OLIVEIRA FILHO, 2009).

Tapia e Fita (2012, p. 77), conceituam a motivação como um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo.

De acordo com Lourenço e Paiva (2010), no contexto educacional a motivação dos alunos é um importante desafio a defrontar, pois tem implicações diretas na qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem. Para o professor de Geografia este é um desafio

ainda mais complexo, uma vez que durante o desenvolvimento das aulas ele tem a incumbência de desenvolver no aluno a visão de totalidade da sociedade na qual está inserido e ao mesmo tempo despertar no discente uma visão crítica sobre o seu cotidiano.

No caso do ensino de Geografia, o desafio do educador está em transmitir o conhecimento de forma integrada, inserindo o aluno dentro do contexto geográfico local e territorial. Desta forma, imagens, vídeos, animações, textos, charges etc. podem motivar o aluno da aula de forma participativa.

Na aula, os professores devem buscar despertar o interesse dos alunos para o conteúdo, desde o início da mesma. Tapia e Fita (2012) assinalam como uma atitude motivadora, os professores iniciarem as aulas considerando o que os alunos já sabem sobre o tema. Isso, aliado a um discurso expositivo claro e de fácil correlação entre as ideias, exemplos e conexões que o aluno possa fazer auxiliam muito a motivação dos alunos. Outra atitude que o professor pode ter sobre a motivação de seus alunos é a de destacar a importância dos conteúdos. Deixar claro pra que serve é um incentivo para o aluno acompanhar a explicação.

Segundo Santos, Costa e Kinn (2010, p.43),

O ensino de Geografia, como o de outras disciplinas, depara-se hoje com uma imensa oferta de produtos da indústria cultural (filmes, fotografias, músicas, charges, dentre outros), em virtude das novas tecnologias e do acesso a muitas informações. Cada vez mais, os saberes escolares são associados às mudanças da modernidade e têm de dialogar com inúmeras orientações pedagógicas contemporâneas, a fim de desenvolver nos alunos a cooperação, a sociabilidade, a apropriação dos conteúdos e a construção do conhecimento.

Essas diferentes linguagens podem ser utilizadas nas aulas de Geografia, como forma de facilitar a aprendizagem e a motivação dos alunos, viabilizando a construção do conhecimento no momento das aulas. Percebe-se que o aluno motivado consegue relacionar sua realidade cotidiana com os conteúdos apresentados em sala de aula.

No que se refere ao Ensino Fundamental, umas das atividades que podem motivar o aluno é a confecção de desenhos que dizem respeito à Geografia.

O educador pode-se utilizar o desenho que se relacionem com a Geografia, como mapas, para motivar o aluno o uso de desenhos nas aulas de geografia, onde se constata, inclusive com o relato de alunos, ser esta uma estratégia eficaz à apreensão de certos conteúdos, principalmente por aqueles que têm na memória visual o ponto forte de sua aprendizagem (SILVA; OLIVEIRA, 2008, p. 08).

Outras atividades que pode ser propostas são os desenhos ou croquis, como “a elaboração de mapas do percurso que os alunos fazem diariamente da escola para sua casa, do seu bairro, da sua cidade, etc.” (CALADO, 2012, p. 02).

Nessa atividade, o aluno será capaz de compreender, criticar, questionar, propor soluções, entre outros aspectos diante das relações sociais e seus reflexos na construção e transformação do espaço geográfico, porque “[...] por onde andamos vemos nossa criação: casas, ruas, plantações, máquinas. Nossa espécie, capaz de criar a riqueza e a pobreza, pode lutar por um espaço geográfico com menos contrastes sociais” (KAERCHER, 2001, p. 56).

As imagens estáticas (fotos, mapas etc.) ou em movimento (vídeos) no ensino de Geografia são de extrema importância para motivar o aluno assimilar o conteúdo proposto pelo educador.

A Geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Pede uma cartografia conceitual, apoiada em fusão de múltiplos tempos e em linguagem específica, que faça da localização e da espacialização uma referência da leitura das paisagens e seus movimentos (BRASIL, 1998, p. 33).

No ensino de Geografia, as representações desempenham um papel importante na representação do espaço geográfico através dos recursos didáticos, como cartas topográficas, plantas, croquis, mapas, globos, fotografias, imagens de satélites, gráficos, perfis topográficos, textos, maquetes geográficas e outros meios que facilitam a aprendizagem dos alunos.

A linguagem cartográfica é um instrumento essencial para a Geografia, pois “a habilidade de ler um mapa e um gráfico, decodificar os símbolos e a competência para extrair informações nelas contidas são imprescindíveis para a conquista da autonomia do aluno” (PASSINI, 2012, p. 39).

Dessa forma, a construção de maquetes é considerada uma alternativa metodologicamente muito eficaz na ciência geográfica. Segundo Santos (2009, p. 14) “por meio de uma maquete é possível ter o domínio visual de todo conjunto espacial; por ser um modelo tridimensional, favorece a relação entre o que é observado no terreno e no mapa”.

Sendo assim, a confecção de maquete no ensino da Geografia tem como finalidade geográfica auxiliar em algumas dificuldades metodológicas iniciais de aprendizagem espacial dos alunos. Assim, o professor de Geografia utiliza a construção de maquete como algo concreto nas aulas práticas, a fim de realizar uma leitura didática dos elementos naturais e sociais que formam o espaço geográfico (CAVALCANTE, 2014).

A maquete, por ser uma forma de visualizar tridimensionalmente informações que no papel aparecem de forma bidimensional, facilita a compreensão das informações cartográficas pelos alunos, pois embora seja uma representação, traz em si uma concretude que os mapas não têm, e sua construção com os alunos surge dentro das representações cartográficas como um dos primeiros passos para um trabalho mais sistemático, pois na sua elaboração há uma série de conhecimentos básicos da cartografia (SIMIELLI, 2006), tais como escala, localização, distância, curva de nível, hipsometria, entre outros.

A maquete deve então ser utilizada com um procedimento didático para compreender a passagem do tridimensional para o bidimensional, do concreto ao abstrato, e não o contrário para que o ensino seja adequado ao modo como o aluno aprende (ALMEIDA, 1995 apud ALMEIDA; ZACHARIAS, 2004, p. 55).

Nesse sentido, na construção da maquete acontecem às ações concretas dos alunos, representando as transformações realizadas pelos indivíduos que habitam, vivem e transformam o espaço geográfico, além de possibilitar o entendimento das relações cotidianas existentes na sociedade. Ignorar a natureza social, histórica e dialógica das representações cartográficas é desconsiderar seu valor comunicativo, sua importância na relação, no processo de evolução do homem e na interpretação do mundo.

A informática, como ferramenta de apoio ao processo ensino e aprendizagem, é um recurso que permite trabalhar com os conteúdos da Geografia utilizando programas computacionais, que vão ao

encontro da necessidade do educador (MACHADO e SAUSEN, 2004 Apud CAVALCANTE, 2011).

Com base nessa nova realidade, ferramentas de geoprocessamento, como o *Spring* desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o *Google Earth* e o Sistema de Posicionamento Global (GPS) permitem fazer a interação e análise do espaço geográfico através de sensoriamento remoto, visão aérea da superfície do planeta e a localização precisa de determinado ambiente (CAVALCANTE, 2011).

O objetivo das geotecnologias no ensino da Geografia é desenvolver a capacidade de compreensão do espaço geográfico, para que a partir dela o aluno seja capaz de extrair dados relevantes daquilo que procura e formular hipóteses reais com as informações de que dispõe no mapa. Além do mais, colocar à disposição dos alunos, o conhecimento destas novas tecnologias, para que possam contribuir para o desenvolvimento da ciência.

Outro importante recurso didático de caráter motivador é o Trabalho de Campo, habitualmente chamado de “aula de campo” ou “estudo do meio” (PONTUSCHKA, 2004), compreendido como uma ferramenta educativa importante na construção do conhecimento geográfico. Sobre a importância do Trabalho de Campo no ensino de Geografia, França (2008, p. 148) afirma que,

O Trabalho de Campo proporciona a observação in loco das paisagens, o que facilita a compreensão dos alunos, pois tudo que é vivenciado em pode ser mais facilmente apreendido [...] Num trabalho de campo, o aluno observa, analisa, conclui, utilizando conhecimentos prévios associados a informações obtidas através do professor e de suas pesquisas.

Sendo assim, no ensino de Geografia se faz necessário que os estudantes vivenciem o espaço geográfico e tudo o que nele está inserido, possibilitando aprofundar os conteúdos trabalhados em sala de aula e, por outro, levantar novas possibilidades de análises. É nesse contexto que se insere, o trabalho de campo como um instrumental valioso no processo de apropriação do real, mediatizado pelo *olhar geográfico*, do observador, sobre o ato de construção e de “desconstrução” do espaço geográfico (CAVALCANTE, 2016).

De acordo com França (2008), ao planejar um Trabalho de Campo o professor deve levar em consideração alguns princípios fundamentais, como: a adequação às características dos alunos e aos conhecimentos prévios sobre o assunto; a utilização de metodologias que possibilitem a aquisição de novos conteúdos; a formulação de objetivos; a programação das atividades; o planejamento dos aspectos técnicos como transporte, autorização dos pais, parada para o lanche, informação sobre roupas adequadas e materiais necessários, entre outros.

A dramatização através do teatro no ensino de geografia é outro recurso de enfoque motivador, pois contribui para a construção do conhecimento acerca das dinâmicas do meio social de maneira atraente e envolvente promovendo no educando a compreensão e construção do conhecimento, como afirma Castellar e Vilhena (2010, p. 6):

O aluno possa não só dar significado, mas compreender o que está sendo ensinado. Optando por uma metodologia de ensino que envolva o aluno na construção do conhecimento, espera-se que ele estude a partir de situações do cotidiano e relacione o conhecimento aprendido para analisar a realidade, que pode ser a local ou a global. Muitas

vezes, é necessário ter uma referência na história, no passado e em outros lugares do mundo para estabelecer relações com o local e compreender o entorno.

Sobre este contexto, percebe-se que o aluno pode apresentar maior facilidade na aprendizagem, quando é proposto que ele esteja atuante no conteúdo exposto pelo professor, construindo conjuntamente o conhecimento com o professor. Portanto, o professor de Geografia pode explorar assim alguns dos conteúdos que antes se exploravam através do livro didático, desta forma por meio de apresentações teatrais, assim construindo o conhecimento a partir do espaço vivenciado pelo aluno, já que no teatro, tanto trabalha o uso do corpo e suas lateralidades, a mente e as emoções sensoriais, como também diferentes contextos, sociais, econômicos, políticos, entre outros.

Santos e Chiapetti (2011) consideram o teatro na escola uma ferramenta importante para a formação de caráter e construção de cidadania. Aliado a isso o teatro ou dramatização torna-se ferramenta pedagógica de grande valor, sendo também uma linguagem interdisciplinar, que possibilita trabalhar diversos temas e com diversos públicos.

Outra linguagem que também deve estar presente no ensino de Geografia é a cinematográfica. A vantagem da utilização de filmes como prática educativa é que, pelas imagens, os alunos podem apenas visualizar elementos do espaço geográfico, mas também experimentar narrativas bem elaboradas capazes de estimular diversas leituras do mundo e concatenar ideias e experiências, facilitando a compreensão dos conteúdos abordados na sala de aula.

Para Chanpoux (2007), o uso de recursos midiáticos evoca diferentes processos cognitivos, resultando diferentes padrões e modelos de aprendizagem. O autor ainda salienta que em sala de aula, mesmo assistindo a filmes, os espectadores (alunos) atuam ativamente na experiência de ensino aprendizagem, uma vez que ao olhar o filme o aluno não é passivo às imagens, pois dessas imagens surgem diversas interpretações que devem ser ouvidas e consideradas pelo professor. A utilização dos filmes na sala de aula requer alguns cuidados importantes como afirma Stefanello (2011, p.116) “[...] quando utilizamos filmes como recurso metodológico precisou verificar que tipos de imagens eles contêm, no sentido de atentar a que informações elas se referem”. Para Cavalcante (2009, p. 2),

O importante no uso de filmes em sala de aula – seja um documentário ou uma ficção, seja uma longa ou curta metragem – é ter muito claro o que queremos com a apresentação do filme, que função ele terá na aula. Algumas coisas óbvias devem ser ditas: o professor nunca deve exibir filmes que não o tenha assistido, mesmo quando é uma sugestão dos alunos – pode-se correr o risco de mostrar alguma coisa não adequada.

No entanto, o uso de filmes não pode servir para o professor como uma forma de “descanso” e para o aluno como uma sessão de cinema. O filme precisa ter um propósito e estar ligado a algum assunto em estudo naquele período (SANTOS; CHIAPETTI, 2011, p.175).

Sendo assim, a motivação no ensino de Geografia é primordial na construção do conhecimento geográfico, pois substitui um ensino tradicional e estático em aulas dinâmicas e produtivas. Pois “o objetivo maior do ensino é a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno” (CAVALCANTI, 2014), através de aulas mais interativas, instigantes, reflexiva para a formação cidadã dos educandos, tornando-os sujeitos ativos e críticos no processo de ensino e aprendizagem no contexto da sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo constatou que o enfoque motivador a ser dado ao ensino de Geografia deve considerar a forma de ensino do conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula a partir do momento em que se compreendem os motivos que geram o desinteresse dos alunos e a ausência de uma maneira de se abordar os conteúdos de forma a aguçar a curiosidade e a criatividade, fazendo com que o aluno seja capaz de construir o conhecimento de maneira independente. Dentro desta perspectiva, a pesquisa escolar visa dinamizar a construção/reconstrução de conhecimentos proporcionando ao aluno uma formação política, crítica e social plena, fazendo-o atuante.

Desta forma, a linguagem adequada para o ensino de Geografia deve estar relacionada à realidade que permeia os fatos e acontecimentos cotidianos e as mudanças que ocorrem no mundo, buscando sempre fazer um paralelo entre a história passada e os acontecimentos do presente, deixando de lado aquela metodologia na qual se enfatizava a memorização, tendo como consequência o desinteresse dos alunos pela disciplina.

Por outro lado, é importante que a Geografia seja vista como um instrumento para entender as mudanças locais e globais, através de um novo enfoque que priorize a reflexão do espaço vivido. O ensino da Geografia deve dar a oportunidade uma visão crítica do conteúdo apresentado para comparar a linguagem abordada com a realidade do mundo moderno, diferenciando a compreensão e os benefícios que o conhecimento geográfico pode transmitir, como o uso de mapas e sua interpretação, além da leitura dos fatos que transformam a sociedade.

É importante frisar que no ensino de Geografia motivador deve ser levada em consideração uma linguagem didática com aspectos relacionados à interação do aluno com o lugar e o mundo, inserindo o cidadão neste universo.

Dessa maneira, conclui-se que a motivação nas aulas tem um caráter estratégico que busca além de transmitir conhecimento ao cidadão, ajuda-o a compreender a estruturação e a organização do espaço geográfico em que ele vive e (re)constrói.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. P.; ZACHARIAS, A. A. A leitura da nova proposta do relevo brasileiro através da construção de maquete: o aluno do ensino fundamental e suas dificuldades. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v.2, n.1, jun. 2004, p.53-73.

ARAÚJO, M. R. S.; BATISTA, I. B. **Ensino de geografia**: uma proposta metodológica. Teresina: UESPI/UFPI, 2007.

BOMFIM, N. R. A imagem da Geografia e do ensino da Geografia pelos professores das séries iniciais. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 4, n. 1, jun. 2006, p. 107-116.

BRANCO, A. L. **Estratégias para motivação em Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BZUNECK, J. A.; BORUCHO-

VITCH, E. (Orgs). **A motivação do aluno:** contribuições da psicologia contemporânea. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CALADO, F. M. O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, jan./jun. 2012, p.12-20.

CALLAI, H. C. A. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? São Paulo, **Terra Livre**, n.16, 2001, p. 133-152.

CALLAI, H. C. A. Aprendendo A ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Educação Geográfica e as teorias de aprendizagens. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, mai./ago. 2005, p. 227-247.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. A linguagem e a representação cartográfica. In: CASTELLAR, S.; VILHENA, J. (Org.). **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTROGIONANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CAVALCANTE, M. B. **No escurinho da classe** – o filme como recurso didático na escola. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1100>>. Acesso em: 17 ago. 2009.

CAVALCANTE, M. B. As Geotecnologias no ensino da Geografia no século XXI. **Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, v. 12, jun. 2011, p. 37-40.

CAVALCANTE, M. B. Projeto Viagens à Natureza: o uso da maquete na construção do saber geográfico. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 5, n. 9, jul./dez. 2014, p. 197-207.

CAVALCANTE, M. B. Nos caminhos da Geografia: a importância do Trabalho de Campo no processo de ensino-aprendizagem. In: CANANÉA, F. A. C. (Org.). **Educação:** Olhares diversos. 1ed. João Pessoa: Editora Imprell, 2016.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. 20. ed. Campinas: Papirus, 2014.

CHAMPOUX, J. E. **Film as a Teaching Resource**. New México: The University of New Mexico. 2007. Disponível em: <<http://symptommedia.com/wpcontent/uploads/teaching-resource.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

FRANÇA, E. T. O trabalho de campo no Ensino Fundamental. In: ARCHELA, R. S. **Ensino de Geografia:** tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUIEL, 2008.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

LARA, T.A. **A escola que não tive... O professor que não fui...** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LOURENÇO, A. F.; PAIVA, M. O A. d. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciências & Cognição**, vol. 15. Centro de Investigação em Psicologia e Educação (CIPE), Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal, 2010.

NUNES, C. X.; RIVAS, C. L. F. R. **Novas linguagens e práticas interativas no ensino de geografia**. In: Encontro de geógrafos de América Latina “caminando en una América Latina en transformación, 12., Montevideo, Uruguay, 2009. *Anais do...* Montevideo, Uruguay, 2009.

OLIVEIRA FILHO, J. R. **Motivação dos alunos em sala de aula**. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/motivacao-dos-alunos-em-sala-de-aula/20719/#ixzz29agbcpoK>. Acesso em: 14 out. 2015.

OLIVEIRA NETO, J. M. **Concepções de Geografia e Geografia escolar no mundo contemporâneo**. 2008. Disponível em: <<http://praticaspedagogicasticbau.blogspot.com.br/html>>. Acesso em: 03 out. 2015.

PASSANI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se ... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: Vesentini, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

QUEIROZ, C. T. A. P., MOITA, F. M. G. S. C. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.

SANTOS, C. **A maquete no ensino de geografia**. Santo André: Record, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, R. J.; COSTA, C. L.; KINN, M. G. Ensino de geografia e novas linguagens. In: BUITONI, M. M. S. (Coord.). **Ensino: Geografia Ensino Fundamental**. v. 22. Brasília: Ministério da Educação/ Secretária de Educação Básica, 2010.

SANTOS, R. C. E.; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 15, n. 3, set./dez. 2011, p. 167-183.

SILVA, G.; OLIVEIRA, J. R. **Algumas estratégias para o ensino de Geografia**. São Paulo: Edusp, 2008.

SIMIELLI, M. H. R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

STEFANELLO, A. C. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia**. Curitiba: Ibpex, 2011.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

VESENTINI, José William (Org.). **Geografia e Ensino**. Campinas: Papyrus, 2004.